



DESENVOLVIMENTO
E MEIO AMBIENTE

SISTEMA
ELETRÔNICO
DE REVISTAS
SER | UFPR

www.ser.ufpr.br

Reprodução social de populações tradicionais e pecuária na Reserva Extrativista Chico Mendes: reflexões a partir dos projetos de vida de jovens extrativistas

Social reproduction of traditional populations and livestock in the Chico Mendes Extractive Reserve: reflections from the life projects of young extractivists

Anselmo Gonçalves SILVA^{1,2*}, Fátima Cristina da SILVA³, Thiago YAMADA¹

¹ Instituto Federal do Acre (IFAC), Xapuri, AC, Brasil.

² Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20), Universidade de Coimbra (UC), Portugal.

³ Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra (UC), Portugal.

* E-mail de contato: anselmo.silva@ifac.edu.br

Artigo recebido em 13 de março de 2019, versão final aceita em 18 de setembro de 2019.

RESUMO: O modelo de Reservas Extrativistas (RESEX) tem sido instrumento utilizado para reconhecer direitos e modos particulares do “humano” “ser” e “viver” suas relações sociais, culturais, políticas e econômicas num determinado espaço e tempo, considerando a sustentabilidade socioambiental. O presente artigo analisa por meio da reprodução social de duas comunidades de extrativistas a replicação empírica de um modo “Reserva Extrativista” de ordenamento e desenvolvimento territorial. Nesta perspectiva, investigam-se as expectativas de jovens moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes (RECM) sobre o futuro de suas colocações extrativistas e seus projetos de vida. Os resultados apontam tendências e cenários da reprodução social daquelas comunidades, os padrões de produção do espaço habitado e reflexões sobre a implantação do modelo de Reservas Extrativistas.

Palavras-chaves: desenvolvimento sustentável; juventude rural; pecuária; populações tradicionais; reservas extrativistas.

ABSTRACT: The Extractive Reserves model (RESEX) has been an instrument used to recognize the particular rights and ways of the "human" to "be" and "live" their social, cultural, political and economic relations in a given space and time, considering social and environmental sustainability. The present article analyzes, through the social reproduction of two communities of extractivists, the empirical replication of an "Extractive Reserve" mode of spatial planning and development. In this perspective, the expectations of young people living in the Chico

Mendes Extractive Reserve (RECM) are investigated on the future of their extractive settings and their life projects. The results point to trends and scenarios of the social reproduction of these communities, the patterns of production of the inhabited space and reflections on the implementation of the Extractive Reserves model.

Keywords: extractive reserves; livestock; rural youth; traditional populations; sustainable development.

1. Introdução

Atualmente no Brasil existem 95 Reservas Extrativistas¹ (66 federais e 29 estaduais), correspondendo a aproximadamente 154.967 km² (MMA, 2019). Sua dimensão é superior aos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Sergipe e Alagoas juntos, com 139.637 km² (IBGE, 2017). Na região amazônica foram estabelecidas 47 Reservas Extrativistas posicionadas como importantes fatores de conservação sociocultural e ambiental.

Desde a criação das primeiras Reservas Extrativistas em 1990 (Alto Juruá e Chico Mendes, no Acre; Rio Ouro Preto, em Rondônia; e Rio Cajari, no Amapá), conjunções de processos influenciam inovadoramente as populações tradicionais em sua reprodução social, ocasionado novos fenômenos e efeitos expressos física e culturalmente.

Atualmente parece que as Reservas Extrativistas, diferenciadamente em cada contexto local, se desenvolvem em uma nova fase: a do desafio da sucessão de uma nova geração. Segundo Allegretti (2014), a continuidade do projeto se atrela a “dar condições sociais e econômicas para que a atual geração de jovens” permaneça na floresta; acessem educação que fomente a continuidade aprimorada de

sua cultura, modos de vida e economia; concretizem o modelo econômico sustentável e sejam encorajados a “assumir o papel de liderança desempenhado por seus pais e avós nas últimas décadas”.

Assim, acredita-se que o conjunto de condições físico/materiais e influências culturais vivenciadas pelas juventudes “tradicionais” no contemporâneo têm afetado sua visão de mundo e seus projetos de vida, caracterizando a sucessão geracional como um período de crises e mudanças na estrutura sociocultural destes grupos. No caso da Reserva Extrativista Chico Mendes (RECM), percebe-se, além de mudanças culturais profundas, efeitos como: migrações de jovens para centros urbanos próximos e alterações nos padrões de produção do espaço por jovens que seguem residindo nas comunidades tradicionais, fenômeno que pode ser exemplificado pelo avanço da pecuária (Hoelle, 2015). Essas transformações afetam a efetividade dos objetivos de conservação socioambiental relacionados à criação das Reservas Extrativistas, lançando questões quanto à sustentabilidade e efetividade deste modelo de ordenamento e planejamento do desenvolvimento sustentável no tempo.

Neste artigo, apresenta-se resultados de pesquisa realizada com dois grupos de estudantes do 2º ano do Ensino Médio de duas escolas de comunida-

¹ Reserva Extrativista: categoria de unidade de conservação da Natureza, de uso sustentável, instituída através da Lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Segundo o artigo no. 18 da referida lei, a Reserva Extrativista “é uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade”.

des diferentes inseridas na RECM: a Escola Municipal Baixa Verde, no Seringal Icuriã, no município de Assis Brasil/AC; e a Escola Municipal União, no Seringal Floresta, no município de Xapuri/AC. Os jovens destas escolas foram questionados em uma oficina participativa sobre “*como imaginam sua colocação² no futuro?*” e também foi proposta a elaboração de uma redação com o tema: “*Meu projeto de vida para ser feliz*”.

Com isso, espera-se evidenciar traços do conjunto cultural dos jovens de cada comunidade, refletidos na visão de mundo, nas percepções ambientais, nas estratégias de adaptação, nos projetos de vida e nas tendências para ação e transformação do espaço habitado no tempo – a Reserva Extrativista.

2. Cultura e espaço – “*conversas no tempo*” na RECM

O período histórico presente é marcado, em particular, pelo processo conhecido como globalização (Hall, 2000; Haesbaert & Limonad, 2007) que, com a compressão das relações espaço-tempo (Harvey, 2006), tem modificado a experimentação da existência, alterado os padrões de reprodução social e de vinculação/interação entre indivíduos, grupos e comunidades, colocando sujeitos integrantes de sistemas culturais relativamente estáveis e fechados em dinâmica reflexiva com múltiplos sistemas diversos. Tal condição caracteriza as sociedades modernas como sociedades de constantes e permanentes mudanças, caracterizadas por uma forma altamente reflexiva de vida (Hall, 2000), na

qual, segundo Giddens (2003), “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter”.

Neste cenário, a reprodução social de populações tradicionais experimenta no contemporâneo uma dinâmica de mudança cultural intensa e profunda. Promove-se não só permanências e ressignificações, mas rupturas que se expressam na reconfiguração continuada da estrutura e características socioculturais e econômicas destes grupos sociais. No tempo, essas mudanças oferecem novas “formas” e “direções” às populações tradicionais; e novos padrões de percepção e produção do espaço habitado.

2.1. Produção do espaço habitado e inovações em territórios tradicionais

Assim, o jovem extrativista como outros tipos contemporâneos, se faz portador de uma dimensão cultural sobremodo “adaptada” em relação às gerações anteriores. A cultura, numa perspectiva evolucionista, considera as preferências humanas e suas frequências. Portanto, os hábitos, as práticas e os costumes têm valor adaptativo e entende-se que o habitat humano, ao ser ocupado, é um nicho projetado pela cultura.

Essa adaptação é induzida ou adquirida em resposta às condições de vida e, ao se estabelecer em hábitos culturalmente reforçados, pode constituir um novo estilo de vida com reflexos nos padrões de

² Colocações: unidades de ocupação familiar típicas do modelo de ordenamento territorial dos seringais; são formadas por estradas de manejo e corte de seringueiras, com aproximadamente 100 seringueiras cada. Em média uma colocação tem 3 estradas de seringa. Um seringal pode ser composto por dezenas de colocações.

reprodução social de populações humanas. Assim, ao colonizar uma região, a persistência de ação e adaptação do humano afeta o desenvolvimento sociocultural de seus descendentes e a própria identidade cultural deles (Magalhães, 2013). Assim, sujeitos, cultura e território se reelaboram e se produzem mútua e dialogicamente.

Segundo a Psicologia Ambiental, há uma inter-relação dinâmica entre ambiente e indivíduo (Moser, 1998; Bell *et al.*, 2005). Em um movimento, o homem percebe e reage ao ambiente, modificando-o em espaço habitado e, num segundo movimento, este espaço, refletindo as sociabilidades espacialmente ocorrentes, influencia o indivíduo, modificando-o. Este efeito reflexivo altera ambos no percurso do tempo (Reffatti, 2001). Consoante, Higuchi (2013, p. 23) nos descreve tal processo, referindo-se a Unidades de Conservação do Amazonas:

[...] Intrínseca à estrutura física da comunidade, estão processos socioculturais que deram origem à sua construção, de tal forma que não é possível separar os aspectos materiais dos não materiais, pois um está contido no outro.

Assim, o humano se apropria do espaço, estabelecendo relações de posse e apego. A expressão da apropriação é o estabelecimento de um modo particular de ocupar um espaço, porém, como o espaço construído impõe limitações, o processo de apropriação pode contrapor-se a elas, operando transformações. A força motora da contínua modelagem/remodelagem do espaço habitado é essencialmente cultural (Bell *et al.*, 2005).

Ainda, é importante ressaltar que a existência humana só pode ser mantida pela forma que suas populações transformam a natureza em elementos

capazes de satisfazer suas necessidades e garantir sua reprodução. A relação “homem-meio ambiente” é então uma relação de trabalho social, ligado ao econômico, que produz um conjunto de cristalizações na organização social e no espaço (Camacho, 2010). Vargas (2009, p. 200) apresenta na transcrição a seguinte expressão da articulação entre necessidades econômicas, produção do espaço e geração de cultura:

[...] En las sociedades modernas, los actores sociales han vivido el territorio como un producto, un campo de acción y se han situado en él, sobre todo a partir de su utilización y producción económica; así mismo, el territorio es identificado como substrato y regenerador de la cultura, sobre el que se insertan las dimensiones económicas, políticas y ambientales de su existencia o de sus estrategias.

Nesta perspectiva, percebe-se que os extrativistas da RECM têm ampliado suas relações com inúmeras alteridades. Esses sujeitos, à medida que conservam permanências, também se modificam continuamente. Com sua dimensão cultural preñe de novidades, avaliam seus contextos, suas possibilidades, definem objetivos e estratégias, se adaptam e agem (sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o espaço que habitam cultural e materialmente). Esse dialogismo, sujeito-cultura-espaço, tem modificado rapidamente a forma como o extrativista vive e habita a sua colocação, conseqüentemente a RECM, projetando o futuro de ambos: habitat e habitante.

2.2. *Desenvolvimento e avanço da pecuária*

O avanço da pecuária na RECM é um fenômeno que exemplifica as modificações nas práticas e

padrões de produção do espaço pelos extrativistas. Cavalcanti *et al.* (2008), abordando o caso da Reserva Extrativista Chico Mendes, afirma que a pecuária apresenta uma série de condições favoráveis à sua expansão e se constitui em trajetória natural para a pequena produção, motivando um crescimento natural da pressão pelo desmatamento. Já segundo Pantoja *et al.* (2009), numa perspectiva do caso da Reserva Extrativista Alto Juruá (AC), a pecuária é parte de um conjunto mais amplo de transformações em curso; e que também “é necessário retirar o excessivo foco que tem recebido a **pecuarização** das Reservas, e contextualizá-la como um processo com múltiplas conexões” (Pantoja *et al.*, 2009, p. 127, grifo do autor).

O crescimento da atividade pecuária na região do Alto Acre e na RECM é perceptível para aqueles que vivenciaram a região na última década. Segundo o Censo Agropecuário realizado pelo IBGE em 2017, o rebanho bovino no Acre cresceu 23,9% entre 2006 e 2017 (IBGE, 2006; 2017). Segundo o Diagnóstico Socioeconômico realizado em 2009, havia na RECM 21.286 animais declarados, uma média de 2,7 animais por morador ou 12,05 por unidade de ocupação; 11% das unidades de ocupação tinham rebanhos bovinos superiores aos limites estabelecidos pelos marcos legais daquele período (Base de Dados, RCM/ ICMBio).

A evolução do desmatamento também tem sido contínua no interior da RECM (Arruda *et al.*, 2016), conforme pode ser verificado na Figura 1.

Até 2015 a RECM acumulava 5,2% de sua área desmatada; sendo que em 2012, 44,9% destas

áreas desmatadas eram vegetação secundária, possivelmente capoeiras utilizadas em roçados para produção de alimentos para subsistência; e 29% delas eram pastagens (Arruda *et al.*, 2016). Segundo estudos realizados pelo IMAZON, a RECM ocupou a décima posição no ranking das unidades de conservação mais desmatadas da Amazônia Legal no período entre 2012 e 2015, com um incremento de 0,49% de sua área desmatada (Araújo *et al.*, 2017). Com relação ao período de 2016 e 2017, classificando-se as unidades de conservação da Amazônia Legal por nível de ameaça (ou seja, considerando-se o desmatamento no entorno da UC), a RECM ocupou a primeira posição do ranking em 2016 e 2017. No mesmo estudo, com relação ao nível de pressão (ou seja, considerando-se o desmatamento que ocorre no interior das UCs), a RECM ocupou a terceira posição (Souza *et al.*, 2018).

Neste cenário dinâmico, é necessário ater-se ao fato de que os territórios compreendidos no perímetro da RECM são uma Unidade de Conservação da Natureza (UC)³, com objetivos socioambientais definidos e monitorados por dispositivos éticos, políticos e legais. Essa condição estabelece uma interação, que pode ser conflitante ou não, entre as dinâmicas ecológicas tendentes no processo de reprodução social das populações tradicionais residentes e a institucionalidade que ordena e planeja o desenvolvimento territorial - a Reserva Extrativista.

2.3. Jovens “extrativistas”, seus projetos de vida e a sucessão geracional

³ Unidade de Conservação da Natureza: Instituídas através da Lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que as define como “espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção”.

Ao iniciar esta reflexão sobre juventudes e territorialidades amazônicas, parece adequado declarar dois pontos: *a)* A Amazônia é um complexo de plurais que dificulta generalizações, um mosaico de encontros e viveres humanos arraigados em fragmentos de espacialidades e temporalidades sobremodo diversas e interativas (Porto-Gonçalves, 2015); *b)* Na perspectiva desse artigo, considera-se as juventudes da RECM como integrantes da categoria de juventudes rurais, sendo partícipes em gradações e peculiaridades específicas a cada caso, dos fenômenos típicos desses grupos.

As juventudes rurais no contemporâneo vivenciam um contexto social que lhes impõe novas experimentações e novas “crises” do período juvenil, se

comparadas às gerações anteriores. Não só crise de identidade e de reprodução social, mas de pressões que influem a reelaboração do mundo rural (Wanderley, 2007). O jovem rural tem sido reconhecido como portador de um papel estratégico, no sentido de dinamizar as novas condições produtivas postas ao campo, convertendo-se em agente estruturado e estruturante das alterações no mundo rural latino-americano (Cangas, 2017). Para Silva (2012) eles são uma “categoria que carrega a responsabilidade da reprodução social da agricultura familiar”. Análogamente, na perspectiva das Reservas Extrativistas, sobre os jovens imputa-se a expectativa, dentre outras, de que segundo a tradição e os objetivos legais das Reservas Extrativistas, desenvolvam o

Incremento do Desmatamento

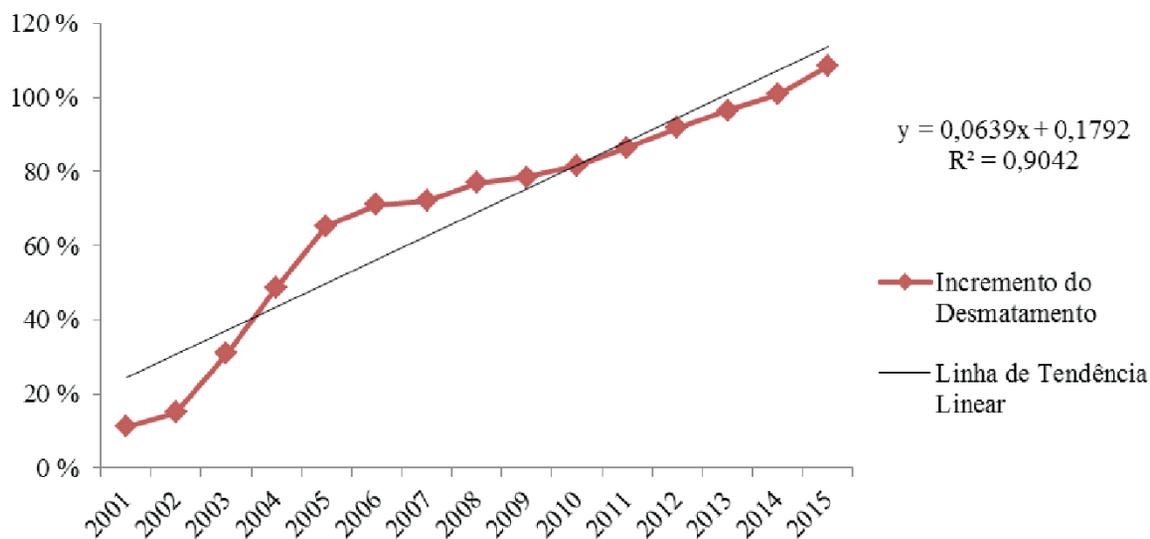


FIGURA 1 – Incremento do desmatamento na RESEX Chico Mendes (2001 – 2015).

FONTE: Arruda *et al.* (2016).

manejo sustentável dos recursos naturais e práticas de baixo impacto ambiental pactuado nos acordos de gestão e planos de manejo⁴ de cada Unidade de Conservação dessa categoria.

Nos estudos sobre juventude rural, duas características surgem com destaque: *a)* primeiro, o período juvenil aparece segundo Abramo (2007) como “o momento em que se define o projeto de vida, buscando o modo de viver a vida adulta. Este parece ser um processo característico da condição juvenil, comum aos jovens em diferentes situações”; *b)* segundo, “a demanda por ‘viver a juventude’, partilhar de certos processos, de certas atividades e experimentações, muitas vezes vinculadas às possibilidades de formação e participação social, ao lazer, à diversão e à sexualidade” (Abramo, 2007), são vividos em intensidade acentuada por esses grupos.

Para os jovens rurais a elaboração de um projeto de vida envolve dois grandes campos de tensões: *a)* primeiro, “a dúvida entre ficar e sair é uma questão estruturante”; ao se perguntarem “o que ser e fazer?” uma referência direta a outra pergunta se estabelece “onde fazer?”, “campo ou cidade?”; *b)* segundo, outro conjunto de tensões que se relaciona com a família e sua característica no meio rural de unidade produtora; então, “quando o jovem formula seu projeto de vida, deve levar em conta o seu papel nessa unidade, pesar a sua vontade de autonomia e o seu sentimento de compromisso e solidariedade com relação à família”. Nesse contexto, o futuro da unidade de produção familiar é uma questão juntamente com diversas relações familiares associadas (Abramo, 2007).

Com relação à migração podemos perceber na “mecânica” do fenômeno “fatores de atração” ao cenário urbano, principalmente expressos pelos jovens como relacionados ao trabalho e a renda; e “fatores de expulsão” do rural, representados pelos jovens como “dificuldade da vida no meio rural e da atividade agrícola” (Brumer, 2008).

As juventudes observadas nesse estudo são uma geração derivada dos seringueiros que participaram do histórico processo que deu origem as Reservas Extrativistas. A estes jovens extrativistas, além das crises da sucessão geracional vivenciadas pelos jovens rurais no contemporâneo, imputadas, por alteridades e marcos ético/legais, a expectativa de reprodução e desenvolvimento de um modo Reserva Extrativista de ser e viver. Assim, suas decisões sobre ficar ou sair da RECM e sobre o modo de vida na colocação extrativista serão definições importantes para a reprodução social destes extrativistas, enquanto categoria de população tradicional, e para a efetividade dos objetivos socioambientais da RECM, enquanto categoria de Unidade de Conservação.

3. Metodologia

3.1. A Reserva Extrativista Chico Mendes (RECM)

A RECM dispõe-se por 3 das 5 regiões do Estado do Acre, com área aproximada de 970.570 hectares, estende-se pelos municípios de Assis Brasil, Brasília, Capixaba, Epitaciolândia, Rio Branco,

⁴ Plano de manejo: instrumento instituído através da Lei Nº 9.985, que o define como “documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade”.

Sena Madureira e Xapuri (Figura 2). Segundo o cadastro censitário realizado no ano de 2009, sua população era de 8.666 moradores. Sua estrutura é composta por 1.766 unidades de ocupação, contidas em 48 seringais.

O entorno da RECM é configurado pela pressão de 7 formações urbanas, onde residem

aproximadamente 400 mil pessoas; e zona rural majoritariamente formada por áreas de posse, projetos de assentamento e fazendas cuja atividade econômica principal é a pecuária. O contraste da cobertura do solo entre o interior da RECM e seu entorno é apresentado na Figura 3.

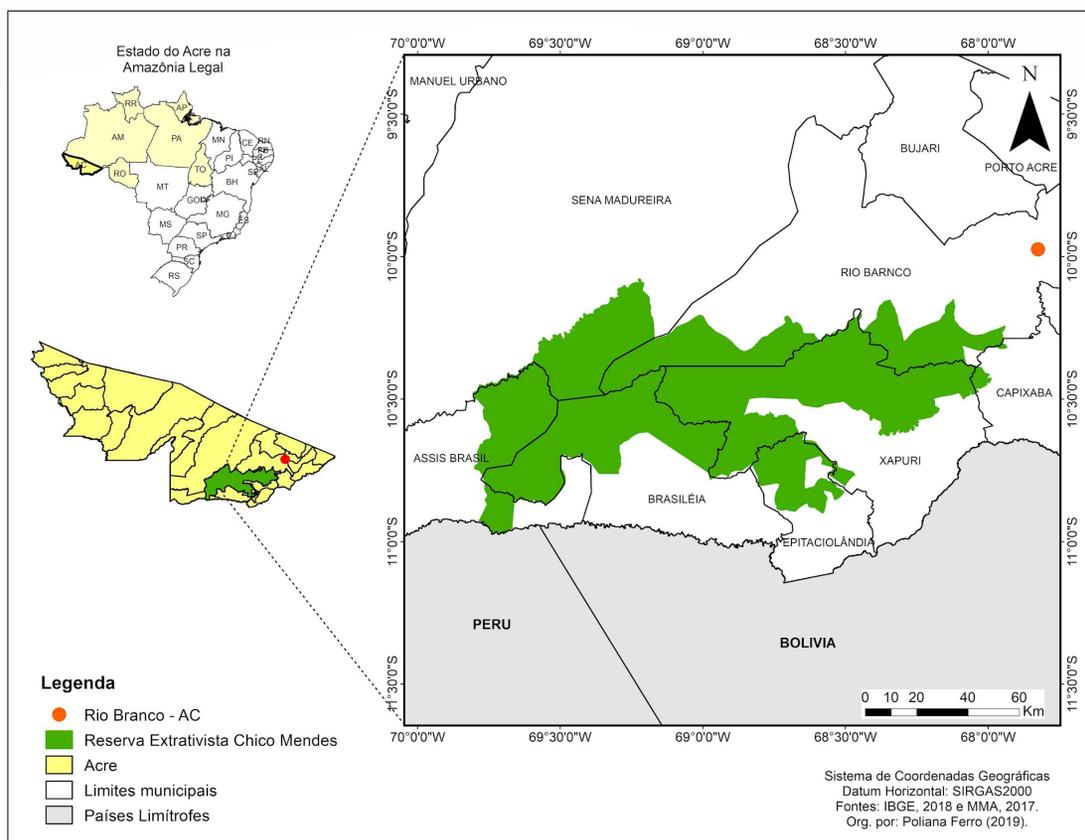


FIGURA 2 – Mapa de localização da Reserva Extrativista Chico Mendes⁵

⁵ Comunicação por correio eletrônico recebida de Poliana Domingos Ferro em 01 de setembro de 2019.

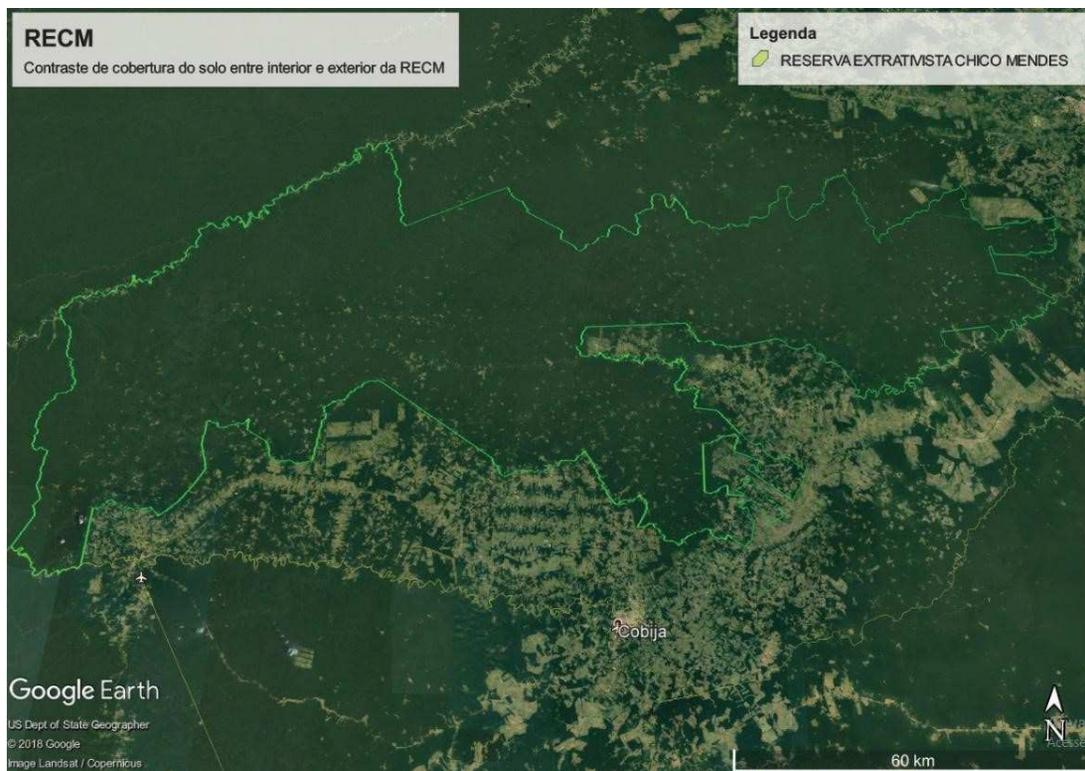


FIGURA 3 – Representação do contraste entre a cobertura florestal do interior e entorno da RECM.

FONTE: Google Earth (acesso em 25/12/2019).

3.2. *As comunidades Divisão e Rio Branco*

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram escolhidas 2 das 76 comunidades da RECM: a comunidade Divisão, no Seringal Icuriã, município de Assis Brasil – AC; e a comunidade Rio Branco, no Seringal Floresta, no município de Xapuri – AC. Nessa seleção buscou-se comunidades que atendessem as seguintes condições: a) representassem modos de uso e ocupação do espaço similares à maioria das comunidades da RCM; b) guardassem nível elevado de similaridades buscando equivalências; c)

diferenciassem-se quanto a contribuição percebida do extrativismo para a economia comunitária.

A localização de ambas pode ser verificada na Figura 4, que também representa a estrutura geopolítica da RECM.

As duas comunidades têm acesso por estrada não pavimentada em distância similar até os seus respectivos núcleos urbanos de influência (Assis Brasil/ AC e Xapuri/ AC). Ambas têm: escolas equivalentes, sendo as principais de suas zonas geopolíticas; perfil de ocupação espacial no modelo de colocações tradicionais de seringa; configuração

uma das escolas das comunidades envolvidas. Cada um dos dois grupos de jovens foi formado pelas turmas regulares do segundo ano do Ensino Médio de cada uma das escolas. Participaram das oficinas 14 jovens da comunidade Rio Branco e 16 jovens da comunidade Divisão.

Na oficina, no primeiro momento, utilizou-se a seguinte pergunta orientadora: “*Como você imagina sua colocação no futuro?*”. Em resposta a essa questão os indivíduos produziram respostas individuais, dispostas em tarjetas, com número estipulado de três.

Questionar os jovens sobre o futuro de suas colocações objetiva captar como os indivíduos percebem seu espaço habitado, as condições e oportunidades percebidas, e as intencionalidades e estratégias formuladas. Esse conjunto permite vislumbrar tendências de intervenção/adaptação/produção sobre o espaço. Isso nos permite traçar cenários para o futuro das comunidades e relacioná-los com a reprodução de um modo Reserva Extrativista de “ser” e “viver”.

As respostas foram analisadas, e foram formados aglomerados de citações, identificadas como grupos homogêneos de ideias. Estas foram objeto de contagem do número de ocorrências no universo da amostra classificadas conforme comunidade.

Ainda, no segundo momento, os participantes foram convidados a redigir uma redação, com o tema: “*Meu projeto de vida para ser feliz*”.

As redações foram analisadas pelo método de análise de conteúdo (Campos, 2004). Foram identificadas no texto as ideias centrais de cada participante relacionadas a expectativas e cenários sobre seus projetos de vida, classificando-as, sempre que possível, no seguinte esquema:

Quanto ao espaço focal dos projetos de vida. Foram classificados os indivíduos em: *a. “ficar na RECM”* (para projetos de vida cujo local para execução fosse a colocação e/ou a comunidade); ou, *b. “sair da RECM”* (para projetos de vida cujo local para execução fosse a cidade ou outros espaços externos a RECM);

Ainda, os jovens que apresentaram projetos cujo local para execução fosse a colocação e/ou comunidade (ficar na RECM); foram classificados quanto as características das práticas indicadas nos respectivos projetos de vida, se: *(a) “sustentáveis”*; *(b) “não sustentáveis”*; ou *(c) “não identificadas”*.

Para cada comunidade classificou-se o percentual de jovens que tenderiam a seguir residindo na RECM e desenvolvendo práticas sustentáveis, indicando que esses tendem a se reproduzir socialmente guardando características que possibilitem sua classificação como população tradicional – sendo classificados como “*se reproduzem enquanto população tradicional*”. Quanto aos jovens que apresentam projetos de vida fora da RECM; ou aqueles que indicam ficar na RECM, mas desenvolvendo projetos de vida centrados na pecuária, foram classificados como “*não se reproduzem enquanto população tradicional*”.

Definidas as categorias de classificação, realizou-se contagem de ocorrências e comparação dos resultados por contraste entre as duas comunidades.

Ainda se realizou entrevistas semiestruturadas com representantes de sindicatos de trabalhadores rurais, de associações concessionárias da RECM, de jovens e de anciãos; nos municípios de Assis Brasil/AC, Brasília/AC, e Xapuri/AC. Ainda, utilizou-se do método de pesquisa observação participante (Minayo, 2001).

4. Resultados e discussão

A territorialidade, o modo de vida e as práticas vêm mudando acentuadamente no contexto dos extrativistas da RECM. No seringal tradicional os varadouros eram os caminhos na floresta por onde transitavam pessoas e produtos, entre as colocações, até o barracão e para fora do seringal – no sentido dos rios e depois cidades.

Nas últimas duas décadas os varadouros foram se transformando em ramais, atualmente a maioria das 76 comunidades da RECM tem acesso de veículo até seus núcleos, ligando as pessoas não mais até os rios, por onde escoava a borracha, mas principalmente até os centros urbanos de Assis Brasil, Brasília e Xapuri (municípios em que residem 88% dos moradores cadastrados). Este cenário é bem retratado por uma liderança comunitária, segundo ele o seringal mudou muito:

[...] Mudou muito até a questão de... as distâncias ficou as mesmas mas parece que ficou mais perto. (...) Tem caminho que é ruim... é... mas tem. Na outra época não tinha era de jeito nenhum. A gente, pra você ter uma ideia, eu moro no Seringal Apudi, na colocação Revolta, eu pra vir a Brasília e ter direito de passar um dia de Brasília, eu gastava uma semana. Hoje, se for possível eu saio 6 horas da manhã e 6 horas da tarde eu tô chegando em casa (liderança comunitária 01).

Outra liderança comunitária do município de Brasília nos apresenta um relato sobre esse processo de transformações logísticas:

[...] Em 2008 (...) nós chegamos com a máquina lá no seu Anacleto, que é o Ramal mais distante e mais longe, e aí agente chegou lá, eu não contei não,

mais tinha mais de 200 cavalos. Então, o pessoal vinha todo mundo montado, porque ninguém tinha ramal, não tinha ponte, não tinha nada né. E aí depois foi mudando e hoje a gente chega lá, talvez com a distância, com a situação que o ramal tá sem manutenção, mais as pessoas e a vida deles mudou muito e todo mundo já tem a sua motinha e você não vê mais animal é um a dois animal, igual aquele monte que tinha antes a gente não vê hoje. Numa reunião grande, que tem todo ano, das comunidades daquela região, a gente foi recente, e eram só motos, eu não contei não, mais foi igual aos cavalos, tinha pra mais de 200 motos, aí eram motos... carros aos montes... onde eles deixavam os animais amarrados nos pés de coisa lá no seu Anacleto, perto da Escola, já era as motos pra não pegar sol (liderança comunitária 02).

Essa nova configuração dinamizou os processos de mudanças, que ocorrem rapidamente impulsionados também pelo contexto regional, marcado pela ampliação dos fluxos de integração com a Bolívia e Peru pela BR 317, que margeia a Reserva; e pelo posicionamento da região como área de expansão da fronteira agrícola, com destaque para a pecuária. Neste mesmo período, as famílias vivenciaram transformações no seu contexto de vida e muitas reelaboraram suas estratégias de reprodução. A ampliação da capacidade de geração de renda e de investimento através da castanha do Brasil, da pecuária e de financiamentos é significativa nesse processo.

Nesse cenário a atividade pecuária surge como atividade complementar e ganha força substitutiva ao extrativismo, considerando o contexto que a favorece, representando 35% da renda declarada das famílias da RECM em 2009 (Base de Dados, RCM/ICMBio). Segundo Dercy Teles de Carvalho Cunha,

ex-vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri:

[...] Não dá para negar que muitos moradores da Resex desenvolvem pecuária e outras atividades consideradas ilegais, haja vista que o extrativismo entrou em declínio nos anos 1970, e em falência quase absoluta a partir da década de 90. (...) Os extrativistas do Acre foram obrigados a aderir a pecuária e outras atividades não extrativas por necessidade e não por desrespeito aos ideais de Chico Mendes. (...) Até porque, em nossa luta pela posse da terra, nunca definimos que o extrativismo seria nossa única atividade econômica. Foi e poderia continuar sendo se houvesse políticas com o incentivo devido (Cunha, 2013).

Uma liderança comunitária em uma região do município de Brasiléia, abundante em Castanha do Brasil, mas cujos seringais já não são mais manejados pelo contexto do mercado, nos conta um pouco do papel do gado no financiamento das estratégias familiares, segundo ele:

[...] o que o pessoal botaram na cabeça mesmo, que não existe coisa pra combater é o gado, a gente sabe disso (...) pra ter uma ideia... o pessoal, mesmo os veterano, que cortaram seringa, mas que inventaram de criar um gadinho (...) quando caíram um bucado e ficaram velho e vieram pra cidade... chegaram na cidade e tiveram condições de comprar uma casa, era os que criava gado. Os que não criava gado, nenhum... lá na minha área... teve condições de comprar uma casa (liderança comunitária 01).

Se referindo aos jovens dos seringais, uma liderança comunitária da Associação de Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Men-

des de Brasiléia e Epitaciolândia (AMOPREBE), afirma:

[...] a gente não tem muito incentivo do jovem na Reserva (...) grande parte deles [pensa] criar pecuária, estudar, é essa... sair, vir embora, ter uma vida independente, e não ter como depender da Reserva Chico Mendes – morar lá (liderança comunitária 03).

Assim, a pecuária enquanto prática econômica, na medida em que se instala na RECM através da adaptação ecológica das populações tradicionais às mudanças nas oportunidades e necessidades percebidas, influi na reelaboração das identidades e na dimensão cultural ampla, e conseqüentemente dos padrões de apropriação e produção do espaço habitado; de modo que, em proporção escalonar à sua expansão, amplia no território sua importância de promoção de cultura, aumentando sua força de reprodução no tempo.

4.1. Visões juvenis sobre o futuro

4.1.1. “Como você imagina sua colocação no futuro?”

A comunidade Divisão apresentou diversidade mais ampla de conteúdos em relação à comunidade Rio Branco; sendo recorrentes na perspectiva dos jovens para o futuro das colocações a pecuária, outras atividades agrícolas e elementos de qualidade de vida que respondam a contextos percebidos como problemas pelos jovens no presente. A sistematização das citações está apresentada na Figura 5.

Para aqueles jovens, ao falar do espaço, 21,6% citaram práticas de produção relaciona-

das à agropecuária, com destacada relevância da atividade pecuária. É algo muito evidente e visto como positivo. Alguns trechos nos apresentam os “tônus” das afirmações, como os seguintes: “minha colocação esteja tipo uma fazenda”, “quase uma fazenda cheia de gado”, “uma fazenda muito grande e bonita”, “estar criando bastante gado”, etc. Por alguns momentos, alguns indivíduos (5,4%) citam as leis como empecilho e a expectativa de possíveis mudanças: “tenha melhorado mais as leis”, “que as leis mudem para o bem de cada família”. Essa tendência à expansão da pecuária na comunidade é

complementada com atividades agrícolas diversas, como “plantações de diferentes tipos, fruteiras, verduras”, e “criação de galinhas, porcos”.

Para 13,5% dos jovens, o futuro das colocações inclui elementos tecnológicos; para eles, a representação de tecnologia inclui além de ferramentas de comunicação, “rede telefônica e internet”, uma percepção afeta ao processo e status de desenvolvimento das colocações, apresentada em trechos como “muito bonita, ter animais domésticos, uma tecnologia bem avançada”, “eu imagino que ela vai estar bem, com uma tecnologia bem avançada”.

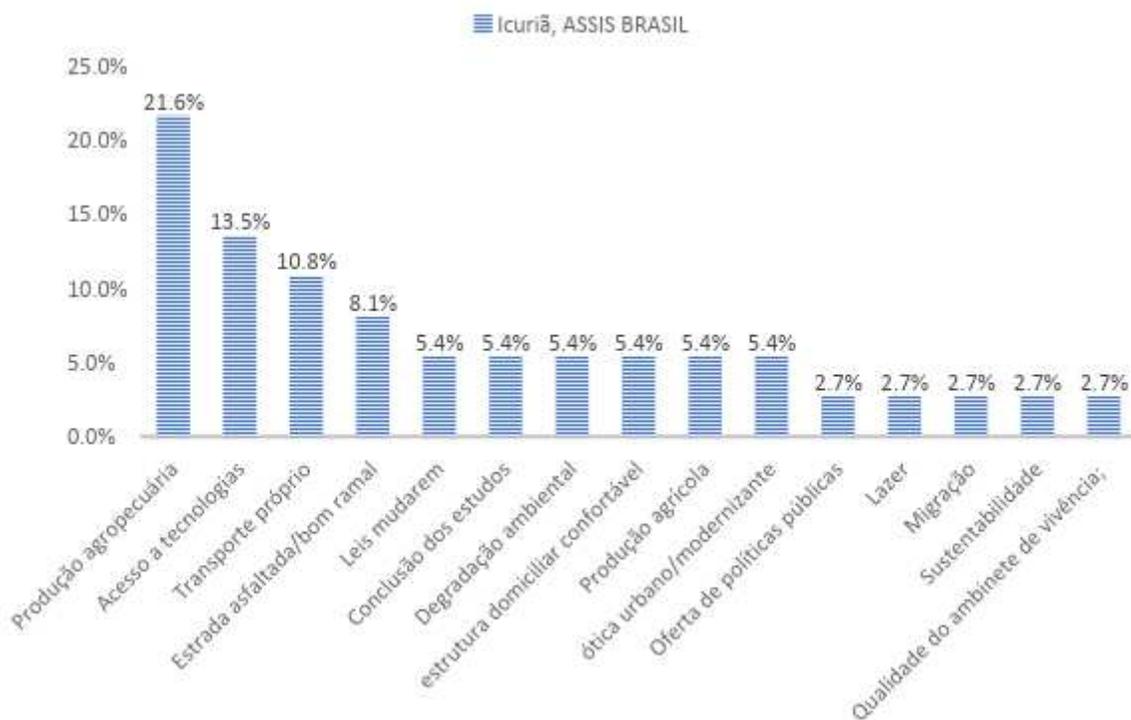


FIGURA 5 – Como você imagina sua colocação no futuro? (comunidade Divisão).

FONTE: Dados empíricos da pesquisa (2016).

Para aqueles jovens da Divisão, a crise do transporte para a cidade, seja de pessoas ou produtos, aparece em 8,15% das citações, através de expressões como: “meio de transporte, ramais, espero que estejam todos piçarrados”, “espero já tenha estrada asfaltada até lá”. E, o tema do transporte se relaciona com o desejo individual do “transporte próprio”, aparecendo como prioridade em 10,8% das citações.

O futuro das colocações para aqueles jovens se desenha com uma feição de um “viver bem” e superação do que se percebe como “dificuldades”; na dimensão individual isso se ancora na pecuária, e num contexto coletivo, na melhoria das condições gerais de vida, com opções para o transporte, meios de comunicação, acesso a serviços de educação, saúde, opções de lazer e etc. Elementos classifi-

cados como “agroextrativismo” não foram citados no futuro daquelas colocações; e elementos que signifiquem relação sustentável com o meio só foi citado por um jovem.

Com relação à comunidade Rio Branco, há uma consonância no discurso quase que consensual em relação às colocações, relacionado, sobretudo, ao extrativismo e à produção agrícola diversificada, a sustentabilidade e a qualidade de vida. É como se não tivessem muitas dúvidas, como se no campo das representações os significados e as visões de mundo fossem mais definidos, quase resolvidos, em contraste com a comunidade da Divisão. Nesse contexto, foi possível classificar todas as citações em apenas quatro categorias, conforme apresenta a Figura 6.

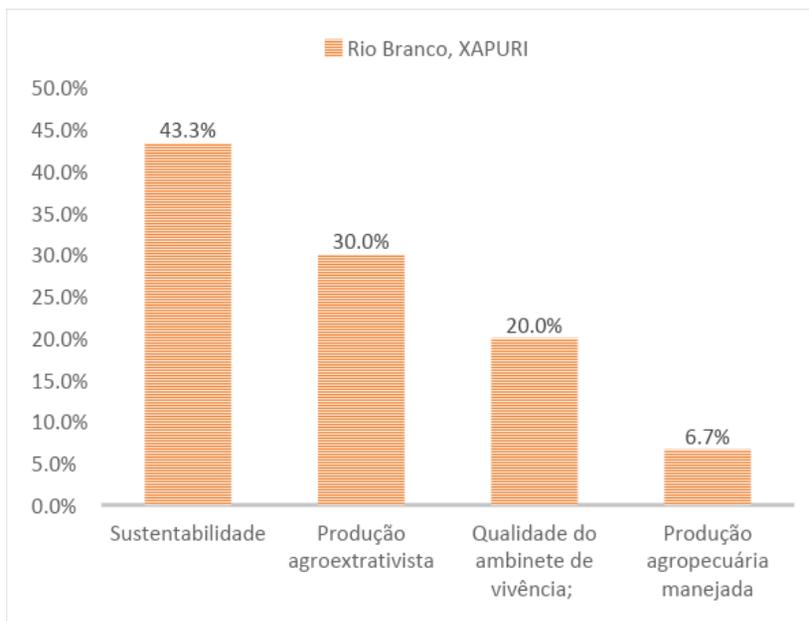


FIGURA 6 – Como você imagina sua colocação no futuro? (comunidade Rio Branco).

FONTE: Dados empíricos da pesquisa (2016).

Das citações sobre o futuro da colocação, 43,3% se relacionam com aspectos de sustentabilidade, representados por expressões como: “que meu lugar continue preservado”, “imagino minha colocação bem preservada, com desmate dentro do limite”, “imagino uma colocação produtiva, de forma sustentável, ou seja, sem queimadas e sem desmatamentos”. A ideia de sustentabilidade, relacionada à vida saudável, respeito à natureza, se apresenta como um conjunto bem delineado para aqueles jovens, com características comuns.

Com relação às práticas de uso da floresta e do solo, percebe-se uma tendência a ressignificação/contextualização do extrativismo, onde se mantém o látex e a castanha, ao mesmo tempo em que ganha fôlego adicional por meio do reflorestamento produtivo, consorciado de seringueiras, castanheiras e frutíferas, que é apresentado pelos jovens com animo relacionando-o ao futuro; isso, juntamente com produção diversificada de criações e plantações; podemos perceber esse conjunto em 30% das citações, como as seguintes, relacionadas às colocações:

[...] transformar em um lugar produtivo e sustentável que tenha seringa, açudes, bois, plantação de abacaxi, banana, diversificar”, “minha colocação a 20 anos vai estar produzindo muitos recursos como látex, açaí, graviola e peixe, etc.

[...] imagino minha colocação rodeada de seringueiras e castanheiras que plantamos já algum tempo, todas produzindo e gerando lucro.

[...] imagino a minha colocação com uma infraestrutura socialmente e financeiramente estáveis, com açudes, plantações manejadas, alguns bois, floresta conservada, plantações das mais variadas espécies e manejo da terra de forma sustentável, sem dívidas. Ter a consciência que as próximas gerações irão se beneficiar também.

Para aqueles jovens, esse futuro das colocações possibilita um ambiente de vida saudável e “boa qualidade de vida”, em 20% das citações essa ideia apareceu. Ainda, o gado, aparece, porém distintamente do significado e função ocorrente na comunidade da Divisão; aqui o gado é envolto na necessidade percebida de conservação, na qual para que figure, há uma necessidade ética de que seja “manejado”, dentro dos limites, conciliado com a conservação e outras atividades; isso é percebido em trechos como: “criação de boi manejado”, “boa criação de gados e também preservada porque sendo organizado não precisa derrubar muito a floresta”.

Os dados indicam contraste definido entre o futuro elaborado pelos jovens das duas comunidades. Na Divisão, é uma constante um cenário de desenvolvimento delineado por elementos caracterizadores do agronegócio; juntamente com soluções pensadas para contextos percebidos como problemas pelos jovens no seu dia-a-dia, relacionados sobretudo a logística, acesso a tecnologias e qualidade de vida. Já na Rio Branco a perspectiva dos jovens é aparentemente pouco conflitiva com os objetivos da RECM e projeta o desenvolvimento com elementos dominantes de sustentabilidade socioambiental e produção agroextrativista. Essas distinções, sobretudo de modo de vida e produção, impactam diretamente na reprodução social destas populações enquanto categoria de populações tradicionais.

4.1.2. “Meu projeto de vida para ser feliz”

4.1.2.1. Ficar ou Sair?

O dilema entre “ficar” ou “sair” apareceu como diferença principal nos projetos de vida dos jovens

destas duas comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, como ilustra a Figura 7.

Para 86% dos jovens da comunidade Rio Branco a trajetória de vida elaborada se empreende dentro da Reserva Extrativista, vivendo em sua colocação, usando os recursos ambientais, produção diversificada, gerando renda e qualidade de vida; falam de formação superior, mas isso não os desloca para uma perspectiva de migração urbana, pois o centro gravitacional do projeto de vida acontece em torno da colocação. Nenhum dos 14 jovens que apresentaram redações expressaram um projeto de vida alheio a viver na Reserva.

Na comunidade Divisão, em Assis Brasil, dos 16 jovens que apresentaram redações, apenas 31% descreveram projetos de vida que se relacionavam

com o viver na Reserva Extrativista ou ao uso das colocações; e, a maioria, 69%, descreveram projetos de vida que se passam fora da colocação, descrevendo, na quase totalidade daquele público, uma trajetória de migração para a cidade e planos consequentes de ter um emprego, concluir o ensino superior, seguindo-se o trabalho indiscriminado ou exercício de profissões (como médico, policial, veterinário e etc.), ter uma casa confortável, possuir veículo e renda. O recorte de trechos da redação de um dos jovens representa o discurso da maioria. Escreveu ele sobre seu projeto de vida:

[...] tenha um trabalho para me sustentar (...) morar na cidade e fazer uma faculdade (...) com um bom emprego (...) fazer habilitação (...) comprar moto e carro (...) medicina ou direito (...) construir uma casa

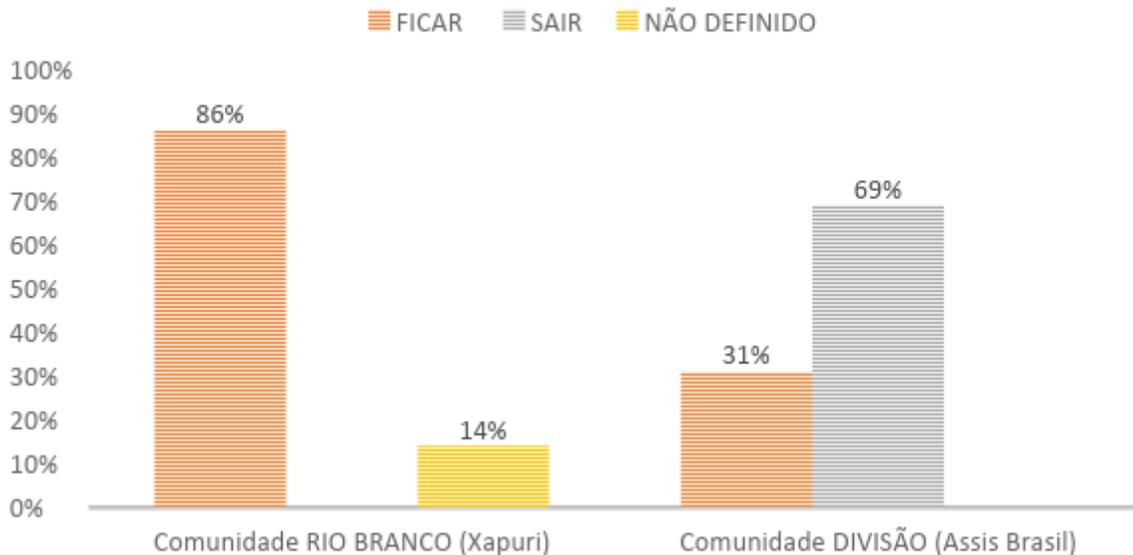


FIGURA 7 – Ficar ou sair? (comunidades comparadas).

FONTE: Dados empíricos da pesquisa (2016).

linda e grande.

Os discursos dos demais jovens são muito similares, como por exemplo:

[...] farei faculdade de administração de empresas, após ter construído minha própria empresa que será uma loja de móveis, darei continuidade aos estudos (...) caso passe (no Enem) deixo minha loja com meu irmão do meio, então poderia estudar, farei medicina (...) acho muito difícil voltar para a colônia (...) espero estar com uma condição financeira bem boa.

[...] estudarei direito. Trabalharei para manter a faculdade. Mais na frente poder ter uma carreira e dar um futuro para meus filhos (...) ir para a cidade mais próxima que tiver o curso que eu quero.

[...] quero ter concluído meus estudos, quero morar na cidade (...) lá vou ter mais acesso e um trabalho próprio me sustentando com meu próprio dinheiro.

Nesse item os dados apresentam novamente distinções definidas entre ambas comunidades. Por diversos fatores, os jovens vivem e percebem distintamente o seu espaço, seu modo de vida e as lógicas discursivas propostas pelos agentes do capitalismo global contemporâneo (LIMA, 2014), constituindo-se diferentemente. Acredita-se, através da observação-participante, que no decorrer do desenvolvimento de ambas comunidades, desde a criação da RECM, os sujeitos experimentaram conjuntos distintos de experiências que produziram os resultados captados pela pesquisa. As hipóteses para o fenômeno serão apresentadas mais adiante no artigo. O desejo de migração apresentado por 69% dos jovens da Divisão, associado a elaboração de perspectiva de desenvolvimento afeta ao conjunto urbanidade-formação-emprego-salário-consumo, tende: a) se realizado, a afetar a reprodução social da Divisão; b) se não realizado, a promover impactos

causados por sua dimensão imaterial na produção do espaço e na transferência geracional de cultura para as próximas gerações.

4.1.2.2. Os jovens cujo espaço focal dos projetos de vida é a RECM, tendem a desenvolver práticas “sustentáveis” ou “não sustentáveis”?

Quanto aos jovens da comunidade Rio Branco, 79% expressam a intencionalidade de desenvolver práticas que foram classificadas como sustentáveis (Figura 8). Nenhum deles apresentou projeto de vida que pudesse ser caracterizado como relacionado a práticas não sustentáveis (Figura 8).

Segue-se alguns trechos que representam a visão de futuro daqueles jovens:

[...] imagino com boa qualidade de vida, vivendo apenas dos recursos de minha própria colocação. Como por exemplo, do peixe, da galinha, do porco (...) imagino também com uma faculdade completa, imagino me especializar em uma área para poder manusear minha própria terra sem o uso de agrotóxico (...) sem falar que pretendo continuar com os mesmos recursos naturais sem desmatar a floresta. Para continuar com essa mesma coisa linda de hoje.

[...] não imagino com muitas mudanças. Eu quero preservar o que já tenho em minha colocação, já que é muito. (...) Há alguns anos atrás fizemos uma plantação de seringa, castanha, abacaxi, banana, acerola, graviola. Pensando no futuro, então vou conservá-la para colher bons frutos. (...) Viver muitos e muitos anos aqui. E passar os ensinamentos que recebi de meu pai para meus filhos para que eles tenham uma mente bem sustentável.

[...] meu projeto de vida é bem simples, pretendo permanecer na reserva, viver de forma saudável, e, com variações de produções sustentáveis, que é importante já que vivemos em um local protegido por lei.

[...] fazer da minha colocação uma área produtiva que tenha subsistência, onde eu possa criar ou ter um pouco de tudo, boi, galinha, seringa, açude, plantações de abacaxis, banana e outros produtos.

Com relação aos jovens da Divisão, a maioria, 69% apresenta projeto de vida que integra a migração para a cidade. Dos 31% que pretendem ficar, 19% apresentam elementos nas redações que permitem presumir que pretendem adotar práticas sustentáveis, como os trechos seguintes:

[...] quero estar com uma boa renda e produção, desmatar só para se manter (...) não infringir as leis ambientais e ter bom consumo das plantações.

[...] fazer um investimento na minha colocação dentro dos limites (...) pasto, porco, galinha (...) vou fazer minha renda de vida quando isso estiver pronto (...) não penso em sair da reserva.

E 12% apresentam elementos que caracterizam a intencionalidade de práticas não sustentáveis, como nas seguintes expressões:

[...] meu projeto de vida é cuidar dos animais e ter os meus peões e não trabalhar no forçado (...) com os peões pagar bem aos empregados.

[...] fazer faculdade de veterinária que pretendo trabalhar aqui mesmo na comunidade (...) ter uma casa linda, muitas árvores, flores perto da minha casa, também uma plantação de frutas e uma horta grande (...) vender verduras (...) ter meus animais, principalmente muito gado e cavalo.

4.1.2.3. As comunidades tendem a se reproduzir enquanto população tradicional?

Com os parâmetros indicados na metodologia, 79% dos jovens da comunidade Rio Branco, em Xapuri, tendem a cooperar para a continuidade

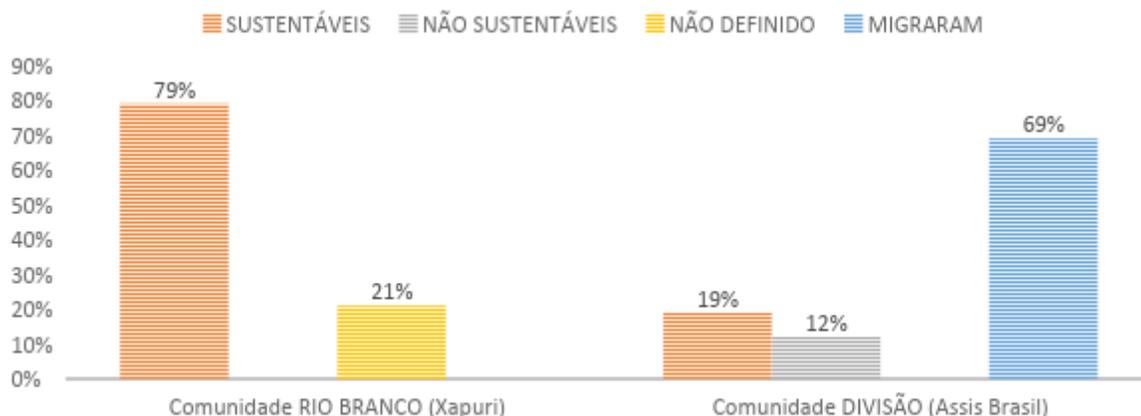


FIGURA 8 – Práticas sustentáveis ou não sustentáveis? (comunidades comparadas).

FONTE: Dados empíricos da pesquisa (2016).

de sua comunidade como população tradicional, permanecendo na RECM e se desenvolvendo sustentavelmente por meio do modo de vida conciliável como o modelo de Reserva Extrativista. Para 21% dos jovens daquela comunidade não foi possível, através de suas redações, apontar suas tendências (Figura 9).

Com relação aos jovens da comunidade Divisão, em Assis Brasil, apenas 19% pretendem ficar na RECM e desenvolver práticas sustentáveis. 81% pretendem migrar para as cidades ou desenvolver práticas focadas na pecuária (Figura 9).

Assim, observando a Figura 9, percebe-se que a comunidade Rio Branco apresenta tendência, no momento observado, a seguir lógica de desenvolvimento alinhada com os elementos caracterizadores do modelo das Reservas Extrativistas, e se reproduzindo como população tradicional; e a comunidade Divisão apresenta tendência a migração

juvenil; a lógica de desenvolvimento marcada pelo agronegócio e outros elementos afetos as lógicas capitalistas globais propostas para as juventudes contemporâneas, tendendo a modelo de produção espacial conflitante com os objetivos das Reservas Extrativistas e a não reprodução enquanto população caracterizada como população tradicional.

4.2. Contextos de vida, significação do “mundo” e a implementação da RECM

“Nas Reservas Extrativistas, nós vamos comercializar e industrializar os produtos que a floresta generosamente nos concede (...) A Reserva Extrativista é a única saída para a Amazônia não desaparecer. E mais: essa reserva não terá proprietários. Ela vai ser um bem comum da comunidade. Teremos o usufruto, não a propriedade” (Filho, 1988).

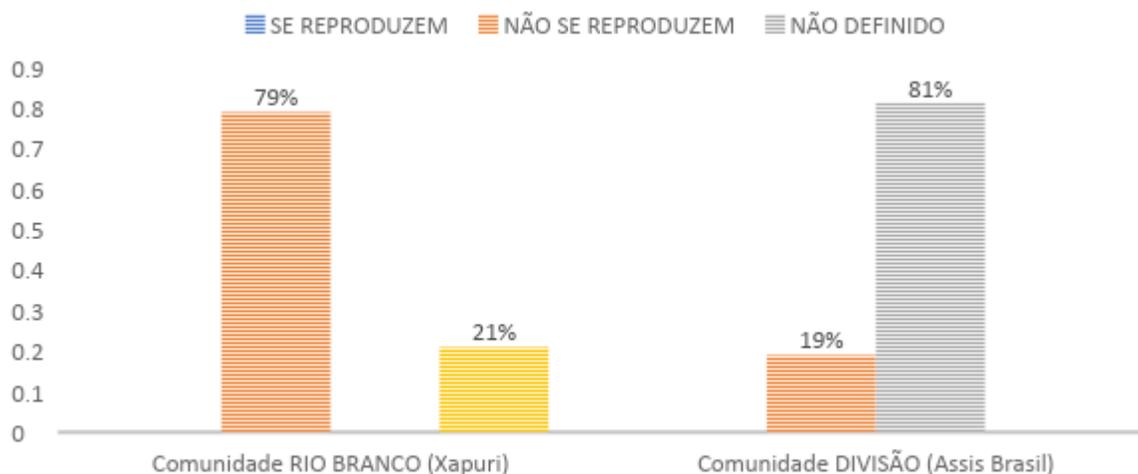


FIGURA 9 – Se reproduzem ou não se reproduzem? (comunidades comparadas).

FONTE: Dados empíricos da pesquisa (2016).

Um elemento distintivo percebido como importante na observação das comunidades está no papel de agentes discursivos; que, propõe e emanam as ideias relacionadas ao projeto das Reservas Extrativistas com reflexividade durante a constituição dos sujeitos juvenis; disputando as narrativas e proposituras na significação do mundo.

Ao participar da oficina na comunidade Rio Branco escutei o arranjo de ideias de Chico Mendes como se ele estivesse presente. Seu discurso permaneceu, transitou no tempo, espelhou o espaço habitado e as práticas; e, sobretudo, ainda referência à visão de mundo e os projetos de vida da maioria dos jovens daquela comunidade. Ao se expressarem, não se “vê” os seringueiros tradicionais, aqueles que não tinham a posse das terras, que não tinham renda significativa do extrativismo ou de qualquer outra fonte relevante, que não tinham transporte nem ramais – só o varadouro na floresta e algum animal de carga para fazer comboio. Mas se reconhece os filhos e netos deles, realizando a visão de futuro que Chico Mendes propôs. Eles não são os mesmos; vivem outras condições; tem um contexto percebido como favorável; mas, o discurso e a visão de futuro proposto por Chico Mendes, afeto ao projeto de Reservas Extrativistas, está lá.

A comunidade Rio Branco possui escola até o Ensino Médio; ramais até a maioria das residências

e energia elétrica. O látex extraído era vendido para a Fábrica de Preservativos NATEX que está atualmente fechada, ou seja, havia mercado para o látex e também para a Castanha do Brasil (disputada entre a COOPERACRE⁶ e outros atravessadores). Possui auxílio na venda da produção agrícola pelo Programa de Aquisição de Alimentos com Doação da CONAB⁷ e financiamentos diversos pelo PRONAF⁸. Casas foram construídas pela política de assentamentos do INCRA⁹; banheiros foram construídos pela FUNASA¹⁰. Projeto de reflorestamento produtivo consorciado de seringueiras, castanheiras e frutíferas foi implementado pela COOPERACRE, com financiamento do BNDES¹¹. Açudes construídos pelo Governo do Estado do Acre, etc.

São diversas políticas públicas e um esforço diversificado de coletivos. Pode-se falar em apoio excessivo do poder público naquela comunidade, mas, percebe-se naquelas pessoas relativa autonomia e protagonismo na execução de seus projetos de vida individuais/familiares – eles têm suas motos, vendem e transportam sua produção, vão ao banco pagar seus financiamentos e fazer renovação, empreendem outros projetos relativos à sua subjetividade (uns criam galinha, outros produzem farinha, etc.), alguns jovens vão estudar no IFAC¹² na sede no município, etc. E esses extrativistas, nessa nova fase, adquirem caminhonetes novas, com o que

⁶ COOPERACRE: Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre.

⁷ CONAB: Companhia Nacional de Abastecimento.

⁸ PRONAF: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

⁹ INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

¹⁰ FUNASA: Fundação Nacional de Saúde.

¹¹ BNDES: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

¹² IFAC: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre

eles chamam de “finança” do banco ou até à vista. Ao encontrar com uma liderança comunitária do município de Xapuri, alfabetizado na juventude pelo “Projeto Seringueiro”¹³ e hoje graduado em matemática pela UFAC¹⁴, ex-presidente da AMOPREX¹⁵ por dois mandatos, também ex-professor e atualmente um dos diretores da COOPERACRE, conta uma história recente sobre um seringueiro de Xapuri. Segundo ele, um senhor seringueiro:

[...] chegou na Xapuri Veículos [concessionária], em Rio Branco, próximo a corrente [localização] com uma bolsa nas costas... em seguida ficou escolhendo a caminhonete que ele queria até que tinha uma do agrado dele de cor prata... ele perguntou o preço de a vista. A moça falou que era 140 mil. E perguntou para ele: O senhor vai financiar? Ele respondeu: minha senhora, eu não mecho com atraso não. E derramou os 140 mil na mesa dela.

O ex-presidente da AMOPREX sorri orgulhoso. Membro da nova geração de lideranças, mas já com longa caminhada e protagonismo nesse processo de implementação das projeções de Chico Mendes para as Reservas Extrativistas; ele explica que famílias de extrativistas com colocações grandes (de várias estradas de seringa), com a renda da castanha, junto com o látex e as demais rendas diferenciadas da colocação, que também inclui o gado (manejado, como se frisa em Xapuri, dentro dos limites permitidos), com economia e trabalho de

uns 2 ou 3 anos, atualmente conseguem repetir o que aquele senhor seringueiro fez na “Xapuri Veículos”.

Essa percepção positiva, do contexto e da qualidade de vida, da economia presente, e das possibilidades econômicas do futuro agroextrativista são importantes para validação da continuidade do projeto das Reservas Extrativistas pela nova geração; considera-se que a comunidade Rio Branco, se comparada às outras comunidades da RECM, é privilegiada na recepção de políticas públicas e na atenção de diversas institucionalidades relacionadas a implementação das RESEX, o que faz as condições gerais serem percebidas como as melhores da Reserva Extrativista.

Percebe-se que os jovens, embora vivam o contemporâneo, e sejam influenciados por este em arranjos similares a comunidade Divisão, o vivem distintamente. Sua dimensão cultural foi objeto de mudanças, pela possibilidade do “olhar voltado pra fora”, se observa essas influências na valoração do “alimento saudável” sem uso de “agrotóxicos”, a “paz” de se morar na Reserva em contraste com a violência das “cidades”, a necessidade de dominar técnicas e equipamentos para “manusear” a terra e oferecer “mecanização”, o que ajuda a produção “diversificada”, e pode também ser facilitado pela conclusão de uma “faculdade”, etc. Os elementos do contemporâneo, de origem externa, operam ressignificações, curiosamente “positivas” em relação à identidade daqueles extrativistas, mas não deslocam as estruturas orientadoras e caracterizantes daquele grupo enquanto “população tradicional”. O espaço

¹³ Projeto Seringueiro: Iniciativa de jovens educadores e movimento social no Acre que implantou escolas nos seringais da RECM considerando as especificidades das populações e sua realidade de vida.

¹⁴ UFAC: Universidade Federal do Acre.

¹⁵ AMOPREX: Associação dos Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes em Xapuri.

focal, centro gravitacional da reprodução social, ainda é a colocação e sua territorialidade, com lógica de práticas e modo de vida que não rompem com a “tradicionalidade”, mas a “relê” com significados contextuais, a partir do mesmo sistema de ideias referenciais.

Ao observar o cenário daqueles jovens, algo parece central na sua constituição: um conjunto inúmero de fatores, condições e oportunidades físico/materiais que são favoráveis a um desenvolvimento comunitário “nos trilhos” do projeto de Reservas Extrativistas. E, no percurso histórico, a percepção desses contextos e condições encontra interpretação no diálogo contínuo com os discursos relacionados ao projeto das Reservas Extrativistas emanado por diversos sujeitos e institucionalidades, legitimando e validando a significação de projeto de futuro coletivo guiado pelo modelo de RESEX. É um dialogismo entre fatores, condições, oportunidades, discursos, significações, análises, avaliações e concepções de mundo – físico e ideológico – no espaço, pelo tempo, através das relações entre alteridades.

Isso faz com que o projeto de vida e comunitário alinhado com os marcadores descritivos do modelo de Reservas Extrativistas se apresente válido para orientar o desenvolvimento territorial e os projetos de vida dos jovens, o que viabiliza a sucessão geracional e a reprodução social deste grupo como população tradicional.

Assim, na comunidade Rio Branco, os fatores de permanência e de fixação dos jovens na Reserva, pelo contexto de condições e oportunidades locais, subsidiam um projeto de vida que satisfaz as necessidades dos indivíduos. O que fez com que fatores de expulsão do rural/tradicional e de atração ao urbano, nesse tempo, fossem subjugados no plano individual, impedindo a construção de movimentos de migrações de jovens para a cidade de Xapuri.

Um contraposto se apresenta na comunidade da Divisão. Dificilmente se sustenta a ideologia/discurso sem materialidade que o legitime, ou a materialidade sem o discurso/ideologia que a mantenha. É um fato que as condições na comunidade Divisão não são tão favoráveis como as de Rio Branco.

Basicamente, como caracterizado anteriormente, não há ocorrência de castanha (principal renda do extrativismo nesta Reserva atualmente); não há possibilidade de venda de látex para a Fábrica de Preservativos NATEX, embora muitas famílias têm possibilidade de vender FDL¹⁶ para a empresa seja através da AMOPREAB¹⁷. Não há ramais ou energia até a maioria das residências; não há possibilidade de acesso por vários dias e/ou semanas durante aproximadamente 4 meses na época das chuvas; não há o mesmo fluxo de ações de ONGs e outras institucionalidades, como Governo Estadual, COOPERACRE, COOPERFLORESTA¹⁸, EMBRAPA¹⁹, UFAC²⁰, ICMBio, IFAC, dentre outras, que operam transferência de conhecimento, ações e

¹⁶ FDL: Folha Defumada Líquida. Modalidade de beneficiamento do látex de seringueira.

¹⁷ AMOPREAB: Associação de Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes de Assis Brasil.

¹⁸ COOPERFLORESTA: Cooperativa dos Produtores Florestais Comunitários.

¹⁹ EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

²⁰ UFAC: Universidade Federal do Acre.

discursos relacionados a implementação do projeto de Reserva. Não há possibilidade de cursar nível superior morando na Reserva ou mesmo no núcleo urbano de Assis Brasil; não há internet no momento na escola da comunidade, não há possibilidade de telefones celulares por antena nas casas; o nível de renda é perceptivelmente mais baixo; o nível de discussão e implantação de alternativas sustentáveis ao extrativismo tradicional é mais baixo em relação à comunidade Rio Branco, etc.

Resume-se que as condições físico/matérias dificultam a percepção positiva do viver na RECM, da economia agroextrativista, e demais ideias relacionadas ao projeto de Reserva Extrativista. E, no campo discursivo, há um número menor de atores sociais emanando discursos que reafirmem no tempo ideias relacionadas com a visão de desenvolvimento proposta nas Reservas Extrativistas; Ainda, mesmo que os discursos sejam propostos, a percepção da dimensão físico/material dificulta a sua legitimação no tempo, e a consideração desses na elaboração dos projetos de vida dos jovens.

Assim, o cenário dos jovens é de desilusão com a ideia/proposta de pautar o desenvolvimento de projetos de vida alinhados com o modelo das Reservas Extrativistas. Diante das condições de vida que eles consideram como não satisfatórias, das expectativas que não são capazes de fixar aqueles jovens ou despertar interesses no desenvolvimento local, se abre espaço para elementos culturais e oportunidades de origem externa a RECM, que atrai para a cidade, para a migração, para a homogeneidade do modelo estudo/ profissão/ trabalho/ renda/ casa/ veículos/ consumo/ bem-estar.

Nesse caso vê-se dissolução da identidade “extrativista”, a não sucessão das colocações, a tendência a não reprodução social da população

enquanto tradicional. E ainda, muitos dos que ficam, elaboram projeto de vida vinculado à pecuária, significando relativo rompimento com o projeto de Reservas Extrativistas e modificação os padrões de produção espacial (cujo exemplo é a ampliação do desmatamento). Esse conjunto tende a provocar conflitos entre o modo de vida das populações residentes e a implementação da Reserva Extrativista.

5. Conclusões

A reprodução social de populações tradicionais apresenta-se como processo crítico para a implantação e sustentabilidade do modelo de Reservas Extrativistas no tempo. O contemporâneo vivenciado por essas populações tem promovido mudanças significativas na estrutura sociocultural, o que influi na sucessão geracional e nos padrões de percepção e produção do espaço.

Percebe-se através dos resultados da pesquisa que a reprodução empírica de um modo Reserva Extrativista de “ser” e “viver” se relaciona especialmente no contemporâneo a um conjunto de fatores associados, como: qualidade de vida percebida no presente, economia agroextrativista capaz de suprir renda adequada à satisfação das necessidades percebidas pelas famílias, perspectiva em projetos de desenvolvimento relacionados ao território atreláveis aos projetos de vida individuais, promotores discursivos que emanem ideias de valorização e proposição de visão de mundo associada a elementos que caracterizam o modelo de Reserva Extrativista e etc.

Esse conjunto possibilita a fixação dos jovens na RECM, sucedendo a geração anterior na colocação extrativista e praticando padrões de produção

do espaço e de desenvolvimento sustentáveis. A ausência desses elementos ou de parte deles pode ocasionar mudanças significativas no processo de reprodução social de populações tradicionais, como se percebeu na comunidade Divisão, ocasionando, conforme os resultados da pesquisa: o desejo de migração para as cidades, a construção de projetos de vida alheios ao território, as mudanças nos padrões de percepção e produção dos espaços exemplificados pela elaboração de projetos de vida centrados na pecuária.

Referências

- Abramo, H. *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- Allegretti, M. H. *Reservas extrativistas enfrentam o desafio da sucessão*, 2014. Disponível em: <www.agencia.fapesp.br/reservas-extrativistas-enfrentam-o-desafio-da-sucessao/19484>. Acesso em: dez. 2017.
- Araújo, E.; Barreto, P.; Baima, S.; Gomes, M. *Unidades de conservação mais desmatadas da Amazônia legal (2012 - 2015)*, 2017. Disponível em: <www.imazon.org.br/PDFImazon/Portugues/livros/UCS%20mais%20desmatadas%20Amazonia_2012-2015.pdf>. Acesso em dez. 2017.
- Arruda, V. L. S. *Desmatamento em áreas protegidas no estado do Acre*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Florestal) – Unb, 2016.
- Bell, P. A.; Greene, T. C.; Fisher, J. D.; Baum, A. *Environmental Psychology*. United Kingdom: Psychology Press, 5. ed., 2005.
- Brumer, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: *Congresso Latinoamericano de sociologia rural*. Quito, 10 de jul., 2008.
- Camacho, R. S. A produção do espaço e do território: as relações de trabalho subordinadas ao modo de produção capitalista. *Entre-Lugar*, 1(1), 73-98, 2010. doi: 10.30612/el.v1i1.613
- Campos, C. J. G. O método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-614, 2004. doi: 10.1590/S0034-71672004000500019
- Cangas, Y. G. Óxido de lugar: ruralidades, juventudes e identidades. *Revista Nômadas*, 20, 194-209, 2017. Disponível em: http://nomadas.ucentral.edu.co/nomadas/pdf/nomadas_20/20_17G_Oxidodelugar.pdf
- Cavalcanti, F. C. S.; Maciel, R. C. G.; Mangabeira, J. A. C.; Reydon, B. P. A Sustentabilidade das Reservas Extrativistas pela Perspectiva da Economia Ecológica. In: *Anais do XLVI Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)*. Rio Branco, 20-23 de jul., 2008.
- Cunha, D. T. C. *25 anos sem Chico Mendes e a realidade dos trabalhadores de Xapuri*, 2013. Disponível em: <www.reporterbrasil.org.br/2013/12/25-anos-sem-chico-mendes-e-a-realidade-dos-trabalhadores-de-xapuri/>. Acesso em: dez. 2016.
- Filho, F. A. M. Entrevista. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 25 dez. 1988.
- Giddens, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- Haesbaert, R.; Limonad, E. O território em tempos de globalização. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas*, 2(4), 39-52, 2007.
- Hall, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomás T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- Harvey, D. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Rio de Janeiro: Loyola, 15. ed., 2006.
- Higuchi, M. I. G.; Feitas, C. C.; Higuchi, N. *Morar e viver em Unidades de Conservação no Amazonas: considerações socioambientais para os planos de manejo*. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2013.
- Hoelle, J. *Rainforest Cowboys: The Rise of Ranching and Cattle Culture in Western Amazonia*. Austin: University of Texas Press, 2015.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

-
- Áreas dos Municípios*. Disponível em: <www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?t=acesso-ao-produto&c=12>. Acesso em: dez. 2017.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário 2006*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário 2017*. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3093/agro_2017_resultados_preliminares.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- Lima, C. B. Juventude e políticas públicas: entre proibições, trabalho sub-remunerado e novas práticas de sociabilidade. *Mediações*, 19(1), 317-336, 2014. doi: 10.5433/2176-6665.2014v19n1p317
- Magalhães, M. P. Território cultural e a transformação da floresta em artefato social. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, (8)2, 381-400, 2013. doi: 10.1590/S1981-81222013000200010
- Minayo, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MMA – Ministério do Meio Ambiente. *Cadastro Nacional de Unidades de Conservação*. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protetidas/cadastro-nacional-de-ucs>>. Acesso em: fev. 2019.
- Moser, G. Psicologia ambiental. *Estudos de Psicologia*, 3(1), 121-130, 1998. doi: 10.1590/S1413-294X1998000100008
- Pantoja, M. C.; Costa, E.; Postigo, A. A presença do gado em Reservas Extrativistas: algumas reflexões. *Revista Pós Ciências Sociais*, 6(12), 115-130, 2009. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpc-soc/article/view/60/41>
- Porto-Gonçalves, C. W. Amazônia enquanto acumulação desigual de tempos: Uma contribuição para a ecologia política da região. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 107, 63-90, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/6018>
- Reffatti, L.V. *Geografia/Educação e apropriação psicossocial dos lugares*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFRS, 2001.
- Silva, E. J. Jovens Agricultores: Entre a reprodução e a ressignificação da vida no campo. In: *V Simpósio sobre Juventude Brasileira*. Recife, 22 de mai., 2012.
- Souza J. R. C.; Fonseca, A.; Nunes, S.; Salomão, R.; Ribeiro, J.; Martins, H. *O Estado de Áreas Protegidas: Desmatamento em Áreas Protegidas*. Belém: Imazon, 2018. Disponível em: https://imazon.org.br/PDFimazon/Portugues/outros/OEstadoAPs_Desmatamento.pdf
- Vargas, S. B. Ruralidades emergentes y dinámicas territoriales: nuevas percepciones y medios de vida. *Revista Eleuthera*, 1(1), 194-206, 2009.
- Wanderley, M. N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: Carneiro, M. J.; Castro, E. G. *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 21-34, 2007.
- WWW - BRASIL. *Guia informativo da gestão participativa na reserva extrativista Chico Mendes – Acre*. 2015. Disponível em: <https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/guia_resex_chicomendes.pdf>. Acesso em: fev. 2019.